

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – SETOR LITORAL

Pedagogia da Alternância: suas contribuições e desafios

LARANJEIRAS DO SUL

2014

ALESSANDRA CHASTAY

Pedagogia da alternância: suas contribuições e desafios

Artigo, apresentado como requisito parcial para obtenção da certificação do curso de Especialização em Educação do Campo, Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Margio Cezar L. Klock

LARANJEIRAS DO SUL

2014

SUMÁRIO

RESUMO	4
INTRODUÇÃO	5
Pedagogia da Alternância: suas contribuições e desafios.....	6
METODOLOGIA.....	11
RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	12
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	14
REFERÊNCIAS	15
ANEXOS	17

RESUMO

O presente artigo é parte do trabalho de conclusão do curso de Especialização em Educação do Campo. Neste artigo buscou-se realizar um resgate histórico sobre os percursos da Educação do Campo, onde se recupera alguns elementos norteadores desta educação, com o intuito de compreender historicamente a Educação do Campo e o surgimento da Pedagogia da Alternância, assim como também entender como esta se desenvolve enquanto prática educativa, analisando os pontos positivos e negativos, desta proposta metodológica. Este estudo tem como objetivo principal, problematizar sobre o processo de aprendizagem no regime de alternância, na Casa Familiar Rural de Rio Bonito do Iguaçu, observando as contribuições e desafios apresentados nesta pedagogia.

Palavras chaves: Educação do Campo, Pedagogia da Alternância, Casa Familiar Rural.

INTRODUÇÃO

Pensar uma proposta educacional em opção à educação formal foi uma necessidade frente à realidade rural de países como o Brasil. Neste sentido surge em nosso país também a Pedagogia da Alternância, na qual se começa a discutir uma nova proposta pedagógica de trabalho com o pensamento de que a vida no campo também ensina. Esse é o preceito básico da Pedagogia de Alternância, proposta usada em áreas rurais para mesclar períodos em regime de internato na escola com outros em casa.

Diante do tema exposto o estudo desenvolvido no decorrer deste artigo está pautado nos debates da educação e dos movimentos sociais do campo e principalmente no contexto da Pedagogia da Alternância. Iniciamos o artigo realizando um resgate da história da Educação do Campo, para compreendermos a trajetória desta, buscando entender como ocorreu esse processo, realizando assim, uma pesquisa teórica visando compreender como surgiu e se desenvolve a Pedagogia da Alternância. Para que pudéssemos alcançar os objetivos propostos e também obtivéssemos resultados mais precisos neste estudo, optou-se por utilizar o Método dialético de pesquisa, onde além da pesquisa teórica foi realizada a pesquisa de campo. Para isso, foram feitas observações e entrevistas com os profissionais da educação, da Casa Familiar Rural de Rio Bonito do Iguaçu – Paraná. A CFR é um ambiente Educativo, para a formação de adolescentes e Jovens do meio rural, visando uma educação personalizada e uma formação integral, a partir da sua realidade. Essa escola é mantida pela ARCAFAR SUL (Associação das Casas Familiares da Região Sul do Brasil), órgãos públicos e privados, Sindicatos, Associações e Secretarias.

Como importância teórica e social, acredita-se que essa pesquisa possa contribuir para o entendimento do processo histórico da educação do campo, assim como também na compreensão da proposta metodológica da Pedagogia da Alternância.

Pedagogia da Alternância: suas contribuições e desafios

Alessandra Chastay

No sentido de estudar a Pedagogia da Alternância primeiramente faremos um resgate histórico da educação do campo, no intuito de nos colocar diante dos fatos históricos que contribuíram para o surgimento desta pedagogia, descrevendo as lutas e conquistas que aconteceram no decorrer dos anos para o surgimento da Educação do Campo.

Durante muito tempo a escolarização da população camponesa esteve vinculada a um modelo de educação urbana, o que configura um descaso com a educação do campo, segundo Leite (1999, p.14):

A educação rural no Brasil, por motivos sócio-culturais, sempre foi relegada a planos inferiores e teve por retaguarda ideológica o elitismo, acentuado no processo educacional aqui instalado pelos jesuítas e a interpretação político-ideológica da oligarquia agrária, conhecida popularmente na expressão: “gente da roça não carece de estudos”. Isso é coisa de gente da cidade.

Podemos constatar deste modo, que a educação para os povos do meio rural, encontrava-se estigmatizada na sociedade brasileira e os preconceitos, estereótipos e outras conotações multiplicavam-se cotidianamente.

Devido a esta situação que se apresentava em nossa sociedade, quando pensamos e estudamos a educação para os povos do campo, é possível perceber uma face obscura que contribui para a negação dos direitos, das histórias, os sonhos, gestos, religiosidade e identidade desses sujeitos. Por isso, os movimentos sociais discutiam o modelo de educação que era imposto pela elite em nosso país e defendiam a ideia de que o campo é mais que uma concentração espacial geográfica. Seguindo esta linha de pensamento o campo:

É o cenário de uma série de lutas e embates políticos. É ponto de partida para uma série de reflexões sociais. É espaço culturalmente próprio, detentor de tradições, místicas e costumes singulares. O homem e a mulher do campo, nesse contexto, são sujeitos historicamente construídos a partir de determinadas sínteses sociais específicas e com dimensões diferenciadas em relação aos grandes centros urbanos. Assumir essa premissa pressupõe corroborar com a afirmação da inadequação e insuficiência da extensão da escola urbana para o campo (MARTINS apud SANTOS, acesso em 2014, p. 02).

Observamos assim que o modelo educacional vigente na época não servia para os povos do campo, pois era uma afronta ao modo de vida do camponês e de se compreender a educação. Neste contexto, os movimentos sociais se articulam para buscar soluções, e então inicia-se a busca por uma educação do campo, que realmente estivesse vinculada aos povos do campo e sua vivência.

Neste sentido, a partir da concepção de uma educação para todos e a implementação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96, conquista-se o reconhecimento da diversidade e singularidade do campo, uma vez que vários instrumentos legais estabelecem orientações para atender esta realidade de modo a “adequar” as suas especificidades, como exemplificam os artigos 23, 26 e 28, que tratam tanto das questões de organização escolar como de questões pedagógicas.

Dentro deste contexto, é realizado então, o I Encontro Nacional de Educadoras e Educadores de Reforma Agrária (I ENERA), promovido pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), em julho de 1997, em Brasília, em parceria com diversas entidades, onde conforme Molina, Nery e Kolling (1999), foi lançado o desafio de se discutir e repensar esta educação, realizando um trabalho mais amplo sobre a educação a partir do mundo rural.

Surgindo então, a partir do I ENERA a proposta da primeira Conferência por uma Educação do Campo, a qual teve como principal objetivo, “ajudar a recolocar o rural, e a educação que a ele se vincula, na agenda política do país.” (KOLLING, NERY e MOLINA, 1999, p. 22). De acordo com o objetivo proposto o que se espera de uma educação vinculada ao campo é que ela não aconteça desarticulada desta realidade, pois esta faz parte de um projeto maior de luta por uma educação de qualidade a todo cidadão, é neste sentido que surgem ações que pressionam as lideranças governamentais na criação e organização de políticas públicas para os trabalhadores e trabalhadoras do campo.

Dentro desta perspectiva a Conferência, foi um passo significativo, porque permitiu a participação popular na construção de propostas que interferiram e influenciaram as políticas públicas em nosso país, pois as que até então foram implementadas nas áreas rurais, não davam conta de acompanhar as especificidades regionais, geográficas e históricas do campo, além da necessária formação que atendesse às demandas desta realidade.

Outro movimento importante que também surgiu a partir dos debates realizados no I ENERA, foi o PRONERA, que conforme Silva citado por Santos (acesso em 2014, p. 08),

É fruto da incansável luta dos movimentos sociais do campo que desponta no país com a missão de ampliar os níveis de escolarização formal dos trabalhadores rurais assentados; fortalecer o mundo rural como território da vida coletiva e suas dimensões econômicas, sociais, ambientais, culturais e éticas, além de executar políticas de educação em todos os níveis da Reforma Agrária.

Quando caminhamos no passado da educação do campo, dizemos que o ano de 2002, é consolidado um importante marco para a história da educação brasileira, pois foi aprovada a Resolução CNE/CEB Nº 01 de 03 de abril, que instituiu as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo.

A implementação dessas Diretrizes vem ao encontro do processo inovador de construção de políticas públicas, que inaugura um novo patamar na relação do Governo Federal com os Governos Estaduais e Municipais, com a sociedade civil organizada e em particular, com os povos organizados do campo.

Com o intuito de aproximar o ensino nas escolas do campo com a realidade dos sujeitos do campo, surge então a Pedagogia da Alternância, a qual foi introduzida em nosso país pelas Casas Familiares Rurais, conforme Gimonet (2007), estas surgiram em 1935, diante da realidade camponesa que desafiava todos os setores da sociedade civil francesa, onde viu-se a necessidade de formar uma educação que respondesse ao cotidiano rural.

A Pedagogia da Alternância é uma proposta teórica metodológica distinta da educação convencional, pois permite ao educando ter uma visão específica da sua realidade através dos conhecimentos teóricos absorvidos na sala de aula e situá-los na integralidade de sua vivência pessoal, social, ambiental e econômica.

Ainda conforme Gimonet (2007, p. 23):

A pedagogia da alternância elaborou-se não através de teorias, mas, antes, pela invenção e implementação de um instrumental pedagógico que traduzia, nos seus atos, o sentido e os procedimentos da formação. Em outras palavras, neste processo criativo, prevaleceu a ação, a experiência, o sucesso no sentido de J. Piaget, isto é, um pensamento em ação.

Entende-se desta forma, que esta proposta metodológica, busca promover uma educação, formação e profissionalização alternativa eficaz e concreta mais

apropriada à realidade do campo. Visa, com isso, incentivar a permanência do jovem na sua própria região, criando alternativas de trabalho e renda, numa perspectiva da Economia Solidária.

Esta proposta de trabalho vem ao encontro do que se propõe trabalhar na Educação do Campo, ou seja, os saberes dos povos do campo, a realidade vivida por estes, dialogando com os saberes científicos construídos historicamente.

Quando pensamos em Educação do Campo por esta ótica, fica fácil de compreender a luta travada por uma educação de qualidade para o campesinato, diferente do que era proposto pela Educação Rural, que se tratava de um conteúdo desarticulado da realidade do educando, tratado com descaso pelos órgãos competentes, sendo dedicado um ensino de qualidade somente a elite brasileira. Porém, sabemos também que as conquistas realizadas no contexto da Educação do Campo ainda não são suficientes para suprir as demandas exigidas por esta, no entanto esta nova proposta metodológica de alternância mostra-se como um avanço neste campo educacional.

Desta forma devemos pensar a educação além da sala de aula, pensar também no sujeito presente neste contexto educacional. Dentro do exposto gostaria de citar Arroyo (2014), para falar da dinâmica de conceito de sujeito, no sentido de quem são os sujeitos da escola? E para isso devemos pensar e considerar cada sujeito dentro da sua subjetividade e não tomá-los apenas como foco em uma discussão. Para afirmar a identidade desse sujeito, é essencial promover a reflexão dele próprio e a valorização dessa reflexão como voz ativa na escola.

Refletindo sobre o que diz Arroyo podemos considerar que é neste sentido que se trabalha a Pedagogia da Alternância, reconhecendo como sujeito ativo do processo educativo, não só o educando, como também sua família e comunidade escolar como um todo, tornando a aprendizagem significativa e valorizando o conhecimento do aluno.

Conforme Oliveira (2008, p. 289):

Mesmo com esta característica, a proposta de ensino das Casas Familiares Rurais, a partir de seu construtivismo, recai no tipo de conhecimento que os alunos têm que aprender, eivado de utilitarismo, uma vez que este tem que ter ligação direta com a realidade dos alunos.

Esta afirmação feita por Oliveira em seus estudos não condiz com o proposto por esta pedagogia, uma vez que conforme os estudos realizados neste artigo, nesta proposta metodológica, o conhecimento não fica apenas no utilitarismo, se trabalha sim o que é útil à vida no campo, mas não de forma a ficar apenas neste conhecimento, mas ampliando o horizonte do educando buscando desenvolver o senso crítico e os diversos conhecimentos produzidos historicamente, trabalhando de forma dialética, onde a teoria e a prática dialogam.

Neste sentido conforme Arroyo (acesso em 2014):

Para o educador, a escola é um espaço de aprendizagem e liberdade de atuação dos estudantes. Por isso, o professor deve respeitar o pensamento e a opinião dos alunos com relação aos conteúdos didáticos, assim como, ajudá-los a desenvolverem a consciência crítica.

Deste modo, o conhecimento não pode ser esvaziado em si mesmo, ele é muito mais que isso, trata-se de explorar o mundo vivido, partindo dele, relacionando o conhecimento historicamente produzido com a realidade do aluno, o conhecimento científico é importantíssimo para um ensino de qualidade, mas não quer dizer que devemos esquecer o conhecimento já vivido pelo aluno, significa relacioná-lo usando o pensamento dialético, no sentido de explorar o conhecimento já trazido pelo aluno, partindo deste conhecimento, mas dialogando de forma crítica para chegarmos ao conhecimento elaborado historicamente. Trata-se assim, dos âmbitos indissociáveis entre teoria e prática, ou seja, da dialética.

De acordo com Aranha e Martins (1993), a filosofia descreve a realidade e a reflete, portanto a dialética busca, não interpretar, mas refletir acerca da realidade. Por isso, seus três momentos (tese, antítese e síntese) não são um método, mas derivam da dialética mesma, da natureza das coisas.

Neste sentido, conforme Maria do Socorro Silva:

O cerne da educação libertadora está na relação diferente que se estabelece com o conhecimento e com a realidade, em que o mundo escolar (o das letras) não se dissocia do mundo dos fatos, da vida, das lutas, da discriminação e das crises cotidianas. A educação libertadora estimula o ser humano a se mobilizar ou a se organizar para adquirir poder. É uma forma de comunicação que provoca o outro a participar, incluindo-o na busca ativa por sua autonomia. (2006, p. 88)

É dentro deste contexto, ou seja, desta forma que se trabalha a Pedagogia da Alternância, buscando conforme Gimonet (2005, p. 76):

Criar uma escola que não prende adolescentes entre paredes, mas que lhe permita aprender através dos ensinamentos da escola, com certeza, mas também através dos da vida cotidiana, graças a uma alternância de estadias entre a propriedade familiar e o centro escolar.

Ainda conforme este mesmo autor (1999, p. 44), as principais características da Pedagogia da Alternância são:

Alternância de tempo e de local de formação, ou seja, de período em situação sócio-profissional e em situação escolar. Significa uma outra maneira de aprender, de se formar, associando teoria e prática, ação e reflexão, o empreender e o aprender dentro de um mesmo processo. Significa uma maneira de aprender pela vida, partindo da própria vida cotidiana, dos momentos experienciais, dando prioridade a experiência familiar, social e profissional. Conduz a partilha do poder educativo, valorizando o saber de cada um e os contextos de vida.

METODOLOGIA

Para a elaboração desta pesquisa optou-se por utilizar o Método dialético, empregado em pesquisa qualitativa, o qual conforme Gil (1994), considera que os fatos não podem ser analisados fora de um contexto social, pois as contradições se transcendem dando origem a novas contradições que requerem soluções.

Neste sentido, o presente estudo se utilizou da Pesquisa Exploratória, a qual objetiva proporcionar maior familiaridade com o problema, envolvendo um levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o tema pesquisado e análise de exemplos, tratando-se então de pesquisa bibliográfica e estudo de caso. Deste modo, a presente pesquisa de campo realizou-se na CFR de Rio Bonito do Iguaçu, no período de 10/03/2014 à 14/03/2014, onde se aplicou os questionários em anexos aos professores e coordenadores da CFR, sendo um total de 7 professores, 2 técnicos e um coordenador pedagógico.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para entendermos melhor a Pedagogia da Alternância, foi realizada a pesquisa exploratória, onde foram utilizados questionários e entrevistas, aplicados aos professores e técnicos da Casa Familiar Rural de Rio Bonito do Iguaçu – Paraná, bem como análise e observação do Projeto Político Pedagógico da Instituição.

Neste sistema de ensino, de acordo com o PPP (2011), há características específicas, isto é, através da pedagogia da alternância, que consiste numa metodologia baseada no conhecimento que o aluno possui e no interesse. O aluno permanece uma semana na sua propriedade com a família e uma semana em regime de internato na casa familiar rural.

Na semana que permanece na escola é discutido o seu saber e orientado para o saber e o fazer científico. Esta metodologia trabalha com os seguintes instrumentos, conforme descritos no Projeto Político Pedagógico da Instituição:

PLANO DE FORMAÇÃO: é a organização geral da CFR e representa uma estratégia de planejamento das alternâncias, através dele se articula de forma mais coerente, os espaços e tempos de estudos na escola com os espaços e tempos da família e comunidade, enfim no meio sócio profissional. **PLANO DE ESTUDO:** é um instrumento da Pedagogia da Alternância e do Plano de Formação da CFR, que permite aos educandos a construção dos saberes e não apenas a apropriação dos saberes já existentes. Através deste instrumento os educandos levam para discutir com a família, um questionamento, uma reflexão sobre o tema da próxima alternância (semana na escola). **COLOCAÇÃO EM COMUM:** é uma fase do plano de estudo que compõe o trabalho pedagógico didático maior, possui essencialmente dois momentos, um anterior, em que se faz uma série de indagações, sobre um determinado tema, para o educando e para a família, e um segundo momento, onde cada educando, regressa a CFR, realizando a prática pedagógica de acompanhamento personalizado e uma sistematização para o grupo, dos dados coletados junto à família. **VISITA DE ESTUDO:** é uma pequena excursão em experiência significativa com o objetivo educativo, envolvendo alunos, monitores, pais e pessoas ligadas e relacionadas com as famílias dos alunos e da CFR. **CADERNO DE ALTERNÂNCIA:** é um meio de comunicação da CFR com a família e

da família com a CFR. Com este a família se implica no processo, acompanhando e orientando seus filhos sobre o que fazer durante a estadia em casa.

Analisando estes instrumentos pedagógicos, podemos afirmar que a CFR tem como principal meta o envolvimento da família no processo educativo.

Conforme relato dos professores pesquisados os alunos participam de um regime de alternância, onde estes no decorrer do ano permanecem 20 semanas na escola e 20 semanas em suas propriedades.

Um dos questionamentos realizados na pesquisa diz respeito à organização dos conteúdos, no sentido de compreender se há conteúdos pré-definidos ou os conteúdos a serem trabalhados são estabelecidos após o levantamento do interesse e da realidade dos alunos, de acordo com os professores no início do ano letivo é realizada junto aos pais uma assembleia para a definição dos 20 temas que serão trabalhados no decorrer do ano letivo, após discutido e decidido em assembleia os temas que serão trabalhados no decorrer do ano letivo, os professores das disciplinas da base nacional comum, bem como da parte diversificada, discutem a elaboração de seus planos de trabalhos docentes levando em consideração os temas geradores que devem ser abordados e os conteúdos estruturantes e básicos previstos nas DCEs de cada disciplina.

No sentido de observar o que os professores pensam da pedagogia alternância, estes foram questionados sobre como analisavam esta proposta metodológica e se esta é importante para o seu trabalho, de acordo com a maioria a pedagogia da alternância é viável e vem ao encontro das necessidades dos filhos de agricultores, os quais moram distante das escolas, em locais de difícil acesso. Este método permite que os jovens discutam a realidade com a família e com os monitores. Esta discussão provoca reflexões e novas formas de pensar e agir na propriedade e na comunidade. Os monitores acompanham o desenvolvimento do jovem e o seu projeto profissional de vida nas semanas que os jovens estão na propriedade. Conforme um dos entrevistados, “não só a pedagogia da alternância é importante, mas o processo educativo de qualquer escola. Vejo como dificuldade de ensino aprendizagem a dicotomia entre o conhecimento sistematizado com a prática. Se não houver interação entre as áreas (disciplinas), o conhecimento fica fragmentado, o saber se dá em gavetas, sem conexão com os demais. Este é um risco tornando assim o formado ou especializado em um diplomado alienado. Vejo

que a formação escolar sem relação com o social, político, econômico... é um mero colaborador do estado vigente e daí a educação deixa de ser transformadora para percorrer os caminhos do conservadorismo”.

Os professores também foram questionados sobre o que os alunos pensam ou analisam a respeito da pedagogia da alternância, conforme o ponto de vista dos professores, os quais responderam que os alunos gostam e se identificam com a pedagogia da alternância. Aqueles que são interessados aplicam os conhecimentos na propriedade e melhoram sua qualidade de vida. Porém existem aqueles que estão na CFR e passam todo o período sem grandes mudanças, mas fariam a mesma coisa em qualquer escola.

Um último apontamento foi o questionamento sobre qual a metodologia mais adequada a Educação do Campo, conforme um dos professores pesquisados, “a metodologia adequada é a da alternância, onde se aplica na prática aquilo que se viu na teoria, se não for desta forma não tem por que uma educação do campo.” e um outro professor faz o seguinte apontamento “Para a educação a metodologia mais adequada é aquela que faz do conhecimento uma troca com a necessidade diária. Nos dias de hoje a educação do campo exige um lugar no campo da educação, um espaço de respeito, de dignidade pela importância que o campo tem para todas as sociedades.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do estudo realizado através da pesquisa bibliográfica e da pesquisa de campo, podemos constatar que esta proposta metodológica contempla uma formação plena dos alunos e propicia a aquisição de competências básicas para inseri-lo no mundo contemporâneo, na agricultura familiar, valorizando e respeitando a sua cultura original, bem como seguir os estudos futuros e continuar aprendendo ao longo da vida, para que seu conhecimento seja revertido e inserido na melhor produção e qualidade de vida.

Levando em consideração o exposto pelos professores, no que diz respeito a elaboração e desenvolvimento do Plano de Trabalho Docente, o conteúdo científico não fica em segundo plano, apenas é discutido este de forma contextualizada com a realidade do aluno da CFR.

Consideramos assim, que a Pedagogia da Alternância trabalha justamente neste sentido, buscando desenvolver o educando de forma global, ampliando seus conhecimentos, levando este do senso comum ao conhecimento científico.

REFERÊNCIAS

ARANHA, M. L. de A.; MARTINS, M. H. P. *Filosofando, Introdução à Filosofia*. São Paulo: Moderna, 1993.

ARROYO, M. *Educação como aprendizado da liberdade*. Acesso em 26/02/2014. Disponível em: <http://educacao.atarde.uol.com.br/?p=15603>

ARROYO, M. G. *Nós da Educação*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=cBr_q2q_4e4&feature=youtu.be

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB nº 9.394/96*. MEC: Brasília, 1996.

COLÉGIO ESTADUAL LUDOVICA SAFRAIDER. *Projeto Político Pedagógico*. Rio Bonito do Iguaçu: 2011.

GIL, A.C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1994.

GIMONET, Jean-Claude. *Nascimento e desenvolvimento de um movimento educativo: as Casas Familiares Rurais de Educação e de Orientação*. In: Seminário Internacional da Pedagogia da Alternância, 1, 1999, Salvador. Anais. Salvador: União Nacional das Escolas Família Agrícola do Brasil, 1999.

_____. *A Alternância na formação, um caminhar no coração da complexidade*. In: Congresso Internacional, 8, 2005, Foz do Iguaçu. Anais Família, Alternância e Desenvolvimento. Promoção pessoal de coletiva: Chave para o Desenvolvimento Rural Sustentável. Foz do Iguaçu: Associação Internacional dos Movimentos Familiares de Formação Rural, 2005.

_____. Trad. de Thierry de Burghgrave. *Praticar e compreender a Pedagogia da Alternância dos CEFFAs*. Petrópolis: Vozes, 2007.

KOLLING, Edgar Jorge; NERY, Irmão Israel José; MOLINA, Mônica Castagna. *Por Uma Educação Básica do Campo*. Vol. 1. Brasília: Fundação Universidade de Brasília, 1999.

LEITE, S. C. *Escola Rural: Urbanizações e políticas educacionais*. São Paulo: Cortez, 1999.

OLIVEIRA, Marcos Antonio de. *As bases filosóficas e epistemológicas de alguns projetos de Educação do Campo: do pretendido Marxismo à aproximação ao*

Ecletismo pós-moderno. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Paraná. Curitiba: 2008.

SANTOS, Ramofly Bicalho dos. *História da Educação do Campo no Brasil*. Acesso em 20/01/2014. Disponível em: <http://educampo.ufsc.br/wordpress/seminario/files/2012/01/Bicalho-dos-Santos.pdf>

SILVA, M. do S. *Da raiz à flor: produção pedagógica dos movimentos sociais e a escola do campo*. In: Educação do Campo e Pesquisa: questões para reflexão. Brasília : Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006.

ANEXOS

Pesquisa de Campo

Questionário a ser realizado na Casa Familiar Rural de Rio Bonito de Iguaçu, junto aos Professores:

- 1) Como você professor analisa a forma de trabalho por alternância? Justifique.
- 2) Qual a metodologia mais adequada segundo você para a educação do campo?
- 3) A escola possui uma organização de conteúdos pré-definidos ou os conteúdos a serem trabalhados são estabelecidos após o levantamento do interesse e da realidade do aluno?
- 4) Segundo você professor, qual a expectativa dos alunos quanto ao ensino na CFR?
- 5) O que os alunos pensam e analisam a respeito da Pedagogia da Alternância?
- 6) Você professor, considera a Pedagogia da alternância significativa para o seu trabalho? Justifique.

Questionário a ser realizado na Casa Familiar Rural de Rio Bonito de Iguaçu, junto a Coordenação Pedagógica:

- 1) Como foi criada a Casa Familiar Rural de Rio Bonito de Iguaçu?
- 2) Quem é a mantenedora?
- 3) Quais são os níveis de ensino ofertados na CFR?
- 4) Quantos Professores atuam e quantos monitores? Quais suas formações?
- 5) Quantos profissionais das áreas técnicas atuam e quais suas formações?
- 6) Como é a organização curricular?
- 7) Como se organiza o Planejamento das aulas na CFR?
- 8) Qual é o tempo do aluno na escola e na sua propriedade (comunidade)?
- 9) Como se organiza a rotina semanal na instituição (CFR)?
- 10) Qual a concepção de sujeito/cidadão e de sociedade na CFR?